CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS - A COMÉDIA (PARTE III): O RISO
18 de dezembro de 2020

THE SHINING / 1980
(Shining)

um filme de Stanley Kubrick

Realização: Stanley Kubrick / **Argumento**: Stanley Kubrick e Diane Johnson, segundo o romance homónimo de Stephen King / **Fotografia**: John Alcott / **Steadicam**: Garrett Brown / **Direcção Artística**: Roy Walker / **Figurinos**: Milena Canonero / **Música**: original de Wendy Carlos e rachel Elkind; e Ligeti, Bartok, Penderecki / **Som**: Ivan Sharrock / **Montagem**: Ray Lovejoy / **Intérpretes**: Jack Nicholson (Jack Torrance), Shelley Duvall (Wendy Torrance), Danny Lloyd (Danny Torrance), Scatman Crothers (Hallorann), Barry Nelson (Stuart Ullman), Philip Stone (Grady), Joe Turkel (Lloyd), Lia Beldam (rapariga na banheira), Billie Gibson (velha na banheira), Barry Dennen (Watson), David Baxt e Manning Redwood (guardas florestais), Lisa e Louise Burns (as filhas de Grady), Alison Coleman (a secretária), Burnell Tucker (um polícia), Jana Sheldon (uma empregada), Kate Phelps (a recepcionaista), Norman Gay (o cliente ferido do hotel).

Produção: Stanley Kubrick, Warner Bros, Hawk Films / **Cópia**: DCP, colorida, com legendagem electrónica em português, 143 minutos / **Estreia Mundial**: Junho de 1980 / **Estreia em Portugal**: Monumental e Terminal, em 20 de Novembro de 1980.

Os intervalos entre os filmes de Kubrick vão-se alargando cada vez mais a partir de **Barry Lyndon**. Entre este filme e **The Shining** medeiam cinco anos, sete são os que vão do segundo a **Full Metal Jacket** e doze os que separam este filme da derradeira obra de Kubrick, **Eyes Wide Shut.** Curiosamente o tamanho dos intervalos não corresponde às expectativas criadas por cada filme. Singularmente estes vão-se tornando progressivamente mais "simples" e podem incluir-se mais facilmente nos "géneros" clássicos: o filme de terror (**The Shining**) e o de guerra (**Full Metal Jacket**), mesmo **Eyes Wide Shut** entre os melodramas oníricos. A duração dos intervalos terá mais a ver com a preocupação cada vez mais rigorosa de Kubrick tudo controlar e impor um perfeccionismo quase "maníaco" na construção do filme. Neste caso, **The Shining** é um exemplo perfeito, dada a simplicidade da história que lhe serve de ponto de partida e a complexidade que o realizador lhe trouxe, particularmente do ponto de vista formal.

Já mostrámos anteriormente na Cinemateca a versão integral de **The Shining**, há muito arredada dos ecrãs. Esta cópia, com menos vinte minutos, que circulou, e foi explorada em vídeo e televisão, não foi remontada à revelia do realizador, que controlava rigorosamente todas as etapas de "vida" dos seus filmes, sendo os cortes feitos por ele próprio após primeiras exibições algo frustrantes), adapta uma novela de Stephen King, mestre da literatura de "terror" (e não só, mas é assim que está catalogado). Já há tempos que Kubrick procurava um tema fantástico, mais concretamente, explorando a temática dos "fantasmas", tendo lido, para o efeito, vários trabalhos de Diane Johnson, em particular o seu romance "The Shadow Knows". Mas a leitura de "The Shining" (que lhe fora enviado por um dirigente da Warner) decidiu-o. Diane Johnson, com quem Kubrick entrara já em contacto, seria

escolhida para escrever, com ele, o argumento. Tudo isto decorria em 1977, inclusive a escolha dos intérpretes, Jack Nicholson, Shelley Duval e o pequeno Danny Lloyd, escolhido entre alguns milhares de candidatos. Só um ano mais tarde é que Kubrick deu início à rodagem. Os doze meses tinham sido ocupados por uma exaustiva pesquisa de cenários, com o director artístico Roy Walker percorrendo os Estados Unidos fotografando interiores e exteriores de hotéis, apartamentos e paisagens que permitissem construir o cenário idealizado por Kubrick. Os cenários que vemos no filme resultam, por isso, de uma amálgama de muitos outros cenários reais, as salas, o grande salão do hotel com o seu bar e mesas de jogo, os quartos, dispensas, casas de banho (a famosa casa de banho vermelha reproduz outra criada por Frank Lloyd Wright para um hotel de Phoenix-Arizona, e a fachada do hotel "Overlook" copia a do hotel Timberline no Oregon). Os cenários do filme foram construídos nos estúdios da MGM e da EMI próximo de Londres.

À obsessão pela reprodução exacta dos cenários, junta-se o interesse de Kubrick pelas experiências técnicas. Com a colaboração de Ed DiGiulio, responsável pela câmara Zeiss que Kubrick usara em **Barry Lyndon** para as filmagens à luz das velas, o realizador vai aplicar aqui de forma praticamente exaustiva um novo processo técnico, a "Steadycam". Praticamente os filmes que começaram a aplicar o mesmo sistema e os que vieram depois não fizeram mais do que repetir as fórmulas e os métodos aplicados por Kubrick em **The Shining**, com os longos e velozes planos-sequência em que a câmara acompanha as corridas de Danny ao longo de corredores e salas, com o som intermitente das rodas sobre a superfície de madeira e das carpetes, o plano-sequência da perseguição de Jack à mulher por corredores e escadas e a fabulosa perseguição no labirinto. Este, aliás, é objecto de outra proeza técnica de Kubrick, no plano em que vemos a maqueta do labirinto a partir do olhar de Jack, e que logo se confunde com o labirinto real numa tomada de vistas aérea que não se distingue da anterior.

Talvez seja este virtuosismo o problema maior de **The Shining**. Praticamente tudo passa para segundo plano com o espectador dominado por estes efeitos, a que se junta a banda sonora que produz um efeito quase hipnótico, com a música de Penderecki ("De Natura Sonoris") nos momentos de maior suspense, Bartok e Ligeti (que Kubrick já usara em 2001), e a impressiva música do genérico de Wendy Carlos e Rachel Elkind, usada também nas restantes panorâmicas aéreas que nos mostram o carro pelas estradas da montanha. Ora a história que o filme nos conta precisaria de um pouco mais de intimidade, o que tal pletora de efeitos acaba por anular, sendo mesmo alguns de carácter gratuito (a "inundação" de sangue é o mais evidente, colocado aqui apenas para "chocar", logo quase ao começo, à "boa" maneira do cinema "gore"), tal como seria necessário alguma contenção histriónica por parte de Jack Nicholson, que à força de esgares acaba por tornar ridícula a personagem, mais próxima de alguns filmes de terror "B" italianos. De qualquer modo, a maestria de Kubrick consegue fazer-nos cúmplices do drama de Jack Torrance, escritor "bloqueado" que procura a paz nas montanhas solitárias e vai encontrar os seus mais recalcados demónios num hotel construído sobre um cemitério índio, e arrasta-nos por um labirinto que não é apenas o dos cenários mas também o da própria narrativa, onde se vão perdendo as coordenadas temporais, primeiros nos intertítulos de referência, depois na mistura cada vez mais indecifrável do passado e do presente.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico